

1917 – A REVOLUÇÃO RUSSA E OS REFLEXOS NA GUERRA

No início de 1917, antes mesmo do começo da ofensiva de Primavera – que os delegados russos haviam prometido, em Dezembro de 1916, quando da conferência interaliada de Chantilly –, estalou em Petrogrado um movimento revoltoso apoiado pelo Exército. Esta insurreição, que os Alemães há muito pressentiam e incentivavam, era o fim lógico de um longo período de mal entendidos entre o Czar e as instituições democráticas que ele havia dado à Rússia, após as revoltas de 1905.

Por um lado, a *Duma* (Parlamento) desde há vários anos que lutava contra as intrigas da Corte, onde o enorme poder da Czarina Alexandra¹ e a influência nefasta do monge Rasputine isolavam o Czar Nicolau II da própria nação e das suas cruas realidades. As massas populares – onde se destacava uma classe operária em crescendo de força, devido à expansão industrial verificada durante a guerra – tinham, por sua vez, uma percepção muito clara de que o poder político não se encontrava à altura das suas pesadas responsabilidades. Campeava a corrupção, a burocracia, a incúria e, no fundo, a desordem. Toda esta complexa ausência de justiça reflectia-se na miséria das populações, na carência de artigos de primeira necessidade – mesmo no seio do Exército – e na ineficácia do aparelho do Estado.

As razões de queixa dos soldados não eram muito diferentes das que levariam aos actos de indisciplina no Exército Francês: pouco tempo de licença, má alimentação, falta de apoio às famílias dos militares mobilizados, etc.. A estas, os soldados russos acrescentavam as desigualdades no cumprimento dos deveres militares, resultantes de subornos e regalias especiais que isentavam do serviço os jovens das famílias ricas. Além disso, a necessidade de guarnecer as unidades industriais com operários qualificados fazia regressar à vida civil um grande número de militares oriundos de meios urbanos, colocando os camponeses numa situação de clara desvantagem.

Em Dezembro de 1916, o assassinato de Rasputine não melhorou a situação. Em Março de 1917 (segundo o calendário gregoriano), a crise alimentar que se fazia sentir provocou uma enorme efervescência na maioria da população. Entre 8 e 12 de Março, ocorreu uma greve geral, eclodiram motins de rua e, a breve trecho, as unidades militares colocaram-se ao lado dos revoltosos.

Perante esta situação, a *Duma* entendeu pôr-se ao lado da população e deliberou romper com o governo, prender os ministros e constituir um governo provisório destinado a salvar o país da anarquia e a permitir a condução da guerra até à vitória final. Em 15 de Março, o Czar compreendeu que já não reunia a confiança dos seus súbditos e abdicou no grão-duque Miguel, seu irmão. Este, todavia, recusou a coroa, sendo a hipótese de entronização do príncipe herdeiro rejeitada pela *Duma*. A Rússia ficou, assim, sem Chefe de Estado.

Na decisão de Nicolau II abdicar terá pesado definitivamente a opinião do seu Chefe do Estado-Maior, general Mikhail Alexeyev, que, em 1 de Março, lhe telegrafara nos seguintes termos:

Uma revolução na Rússia [...] significará um vergonhoso fim da guerra [...] O Exército encontra-se intimamente ligado com o que se passa na retaguarda. Pode ser afirmado com segurança que as desordens na retaguarda produzirão o mesmo efeito no seio das Forças Armadas. É impossível pedir ao Exército, calmamente, para se empenhar na guerra, enquanto uma revolução progride na retaguarda. A composição juvenil do exército actual e o seu corpo de oficiais, dos quais uma parte proporcionalmente importante é de reservistas e de oficiais milicianos vindos das universidades, não permite assumir que o Exército não venha a reagir aos acontecimentos que ocorrem na Rússia.²

Formou-se, então, outro governo provisório, encabeçado pelo príncipe Lvov, um ingênuo de perfil populista. Na prática, porém, o verdadeiro poder ia, progressivamente, transitando para os conselhos de operários e soldados – os sovietes – que dominavam a agitada vida da capital russa.

¹ Alexandra Feodorovna nasceu como princesa Alice, de Hesse e Reno. Era neta da rainha Vitória, do Reino Unido.

² PIPES, Richard, *The Russian Revolution*, p. 258.

Através da *Ordem n.º 1*, deliberaram retirar aos oficiais toda a competência em matéria disciplinar e que as unidades militares que haviam participado na revolução não seriam enviadas para a frente de combate. Seguiram-se sangrentos motins que vitimaram grande número de oficiais, mortos pelos soldados e marinheiros em total clima de insurreição. Em meados de Abril de 1917, cerca de metade do corpo de oficiais havia sido eliminado. Com a chegada de Lenine do seu exílio na Suíça – com a prestimosa colaboração dos Alemães –, a agitação sofreu novo impulso, sob a acção dos seus partidários bolcheviques. Ao chegar a Petrogrado, em 16 de Abril, fez questão de, no seu primeiro discurso, logo ali na estação da Finlândia, fazer uma proclamação que bem revelava a fé que depositava num futuro impulsionado por revoluções:

Não está longe a hora em que, perante a incitação de Karl Liebknecht, o povo alemão voltará as suas armas contra os exploradores capitalistas.³

Não estando, ainda, a sofrer as dores dessa prometida revolução, a Alemanha estava, naturalmente, esperançada em que uma revolução na Rússia conduzisse à paz em separado. Teve, por tal motivo, a habilidade de suspender todas as acções ofensivas a Este, pois receava que um ataque naquela emergência pudesse contribuir para a união do povo russo. O governo provisório e o Estado-Maior-General pretendiam prosseguir a guerra, por razões patrióticas. Os sovietes, embora classificando a guerra como *imperialista* e *monstruosa*, receavam que uma vitória da Alemanha trouxesse consigo a contra-revolução. Deste modo, após a nomeação do advogado Alexander Kerensky para ministro da Guerra, em 16 de Maio, estavam reunidas as condições mínimas para prosseguir o planeamento da próxima ofensiva. Curiosamente, no dia anterior, chegara a Petrogrado um exilado no Canadá, Leon Trotsky de seu nome.



Alexander Kerensky, Ministro da Guerra e, mais tarde, Chefe do Governo Provisório

Deste modo, a 1 de Julho de 1917, o Exército Russo lançou um ataque, na Galícia, na direcção de Lemberg, com 31 divisões, apoiadas por 1.328 bocas-de-fogo pesadas. Nas primeiras duas semanas, numa frente de 150 km, conseguiram fazer recuar o dispositivo austro-germânico em cerca de 40 km, embora não muito profundamente. Posteriormente, a falta de reabastecimentos adequados e o endurecimento da resistência inimiga foram determinantes para a perda do ímpeto inicial e para o recrudescimento dos actos de indisciplina. O general Dragomirov, comandante do 5.º Exército, descreveria, assim, o estado de espírito das tropas:

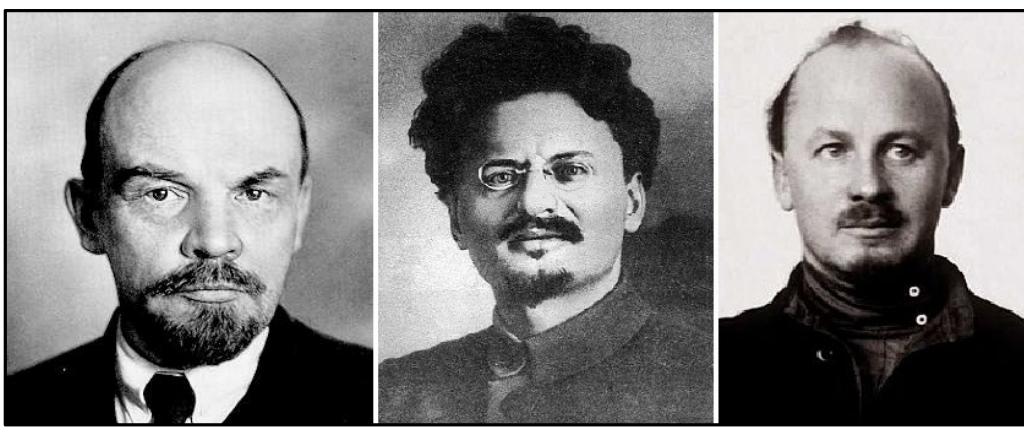
³ GILBERT, Martin, *A Primeira Guerra Mundial*, p. 477.

Quando em reserva, os regimentos declararam a sua prontidão para combater até à vitória final, mas tentam resistir quando ordenados a ir para as trincheiras.⁴

Na verdade, a vontade de combater das tropas russas foi desaparecendo e regressaram às fileiras os actos de indisciplina. Leon Trotsky, julgando que chegara o momento propício para uma revolta que forçasse o fim da guerra, organizou, em Petrogrado, um levantamento protagonizado por cerca de seiscentos marinheiros da base de Kronstadt. Lenine, a recuperar de um período de enfermidade, considerava, todavia, que não chegara, ainda, o momento adequado para tal fim.

Pressentindo a debilidade do inimigo, a contra-ofensiva dos Impérios Centrais iniciou-se a 19 de Julho. A partir de então, a resistência do Exército Russo desmoronou-se por completo, com a maior parte das unidades em debandada para Este. O avanço das forças austro-germânicas só conheceu como limite as suas próprias capacidades logísticas para apoiar a ocupação do imenso território que tinham pela frente.

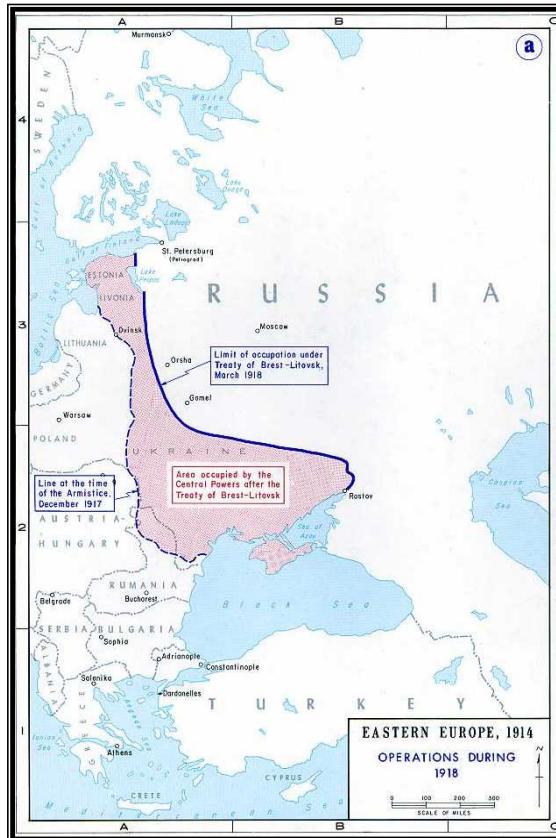
Para completar a desfeita russa, a 1 de Setembro, o 8.º Exército alemão, do general Hutier, atacou a ala direita inimiga, a Norte, empregando, simultaneamente, munições de gás e de fumos. Contornando Riga, os Alemães atravessaram o rio Duina e desbarataram por completo as forças inimigas. Esta derrota marcou o fim da resistência russa. O governo provisório, agora liderado por Kerensky, retirou-se para Moscovo, já com a noção do reduzido poder que podia exercer. A última esperança residia na mobilização de forças fiéis que o general Kornilov, novo Chefe do Estado-Maior-General, pudesse garantir. Kornilov, no entanto, seria arrastado para uma tentativa falhada de golpe de estado, da qual sairia desautorizado pela recusa de participação dos soldados sob o seu comando.



Nestas circunstâncias, a revolução ia passar a uma nova fase. A ala minoritária do Partido Social Democrata – os bolchevistas –, liderada por Lenine, Trotsky e Bukharine, conduziu, então, acções de agitação para conquistar o poder, apoiando-se em significativa parte da guarnição militar de Petrogrado e num vasto movimento do operariado urbano. Na noite de 6 para 7 de Novembro⁵, o movimento bolchevique, disposto de uma força de 18.000 homens, desencadeou, com sucesso, as operações de controlo da capital, apoderando-se dos correios, centrais telefónicas, estações de caminho-de-ferro, pontes e bancos. A 8 de Novembro, na qualidade de Presidente do Conselho de Comissários do Povo, Lenine anunciou a formação de um novo governo, a socialização da terra e o lançamento de uma proposta de armistício de 3 meses, para pôr termo à guerra. Esta medida equivaleu, na prática, à retirada da Rússia da guerra.

⁴ WILDMAN, Allan, *The end of the Russian Imperial Army*, p. 109.

⁵ 24/25 de Outubro, no calendário Juliano, e, daí, a designação que ficou de “Revolução de Outubro”. Em 1 de Fevereiro de 1918, pelo calendário Juliano, o novo governo bolchevista converteu a data em 14 de Fevereiro, aderindo ao calendário Gregoriano.



Uma vez refeitos do espanto causado pela rápida evolução dos acontecimentos, os representantes dos Impérios Centrais aceitaram reunir-se, em 3 de Dezembro, com os delegados dos soviets, em Brest-Litovsk. As conversações arrastaram-se por várias semanas, sendo evidente que as propostas de ganhos territoriais pretendidos pelos Impérios Centrais não encontravam, da parte dos soviets, a necessária concordância. Perante o impasse, os Alemães ameaçaram os Russos de retomar as operações militares e, nessa eventualidade, ficarem com todo o território que viessem a conquistar. Foi o que acabou por suceder, em 17 de Fevereiro de 1918. A nova ofensiva alemã, em apenas uma semana, rapidamente se internou cerca de 150 km em território da Rússia. Perante o pânico gerado pelo avanço germânico, o governo bolchevique submeteu-se às exigências das potências inimigas. A 3 de Março de 1918, as partes em guerra assinaram, em Brest-Litovsk, o tratado de paz pelo qual a Rússia perdeu cerca de 750.000 km² de território, correspondendo a um quarto da população e a um terço das terras de exploração agrícola.

Competia, aos Alemães, retirar vantagens estratégicas do encerramento da campanha na Frente Oriental. Deixando a Este apenas as unidades julgadas necessárias para manter a ordem nos territórios ocupados, a maior parte das unidades foram, progressivamente, transferidas para França, onde vieram a participar na grande ofensiva germânica da Primavera de 1918. A grande ofensiva de Abril de 1918, em que o Corpo Expedicionário Português se veria seriamente envolvido, foi, em grande parte, consequência deste acréscimo de divisões germânicas na Frente Ocidental.

David Martelo – Março de 2017